

FACULDADE BATISTA DE MINAS GERAIS - FBMG
Programa de Graduação em Teologia

Gileade Adão Pinheiro

**A GRAÇA PREVENIENTE E A DOUTRINA DA SALVAÇÃO:
Reflexões a partir de uma teologia pentecostal clássica.**

Belo Horizonte
2021

Gileade Adão Pinheiro

**A GRAÇA PREVENIENTE E A DOCTRINA DA SALVAÇÃO:
Reflexões a partir de uma teologia pentecostal clássica.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Teologia da Faculdade Batista de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Tiago de Freitas Lopes

Belo Horizonte
2021



Gileade Adão Pinheiro

**A GRAÇA PREVENIENTE E A DOUTRINA DA SALVAÇÃO:
Reflexões a partir de uma teologia pentecostal clássica.**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em 25/06/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Tiago de Freitas Lopes (Orientador) - FBMG

Prof. Examinador 1

Prof. Examinador 2

Dedico à minha amada esposa Bárbara Carvalho de Almeida Pinheiro. Aos Pais e meus irmãos, cunhados, sogro e sogra e a todos meus amigos e pastores da Igreja Assembleia de Deus.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder esta oportunidade de crescer em graça e conhecimento em prol do seu Reino e do meu ministério eclesiástico.

Sou grato a minha linda esposa, Bárbara, por estar ao meu lado me apoiando, tendo paciência comigo, por sua compreensão pelas horas que não pude estar com ela, e pela renúncia de momentos juntos para que esta etapa e pesquisa se concluíssem.

Agradeço aos meus pais, Geraldo e Maria, por me ensinarem, desde a infância, o caminho que deveria seguir e, por sempre, me motivarem e orarem pela minha formação e sucesso. Entrementes, estendo minhas gratidões ao pastor e professor, Wagno Alves Bragança, pelas revisões e contribuições acadêmicas e teológicas, todos os professores da Faculdade Batista e a todos os meus familiares e amigos, e a todos que contribuíram para a realização deste trabalho, fica expressa aqui a minha gratidão, especialmente ao professor, Tiago de Freitas Lopes, pela orientação, pelo aprendizado e apoio em todos os momentos necessários.

Aos meus colegas de classe pela rica troca de experiências. Aos bibliotecários, pela ajuda incondicional. A todos que, de alguma forma, contribuíram para o desenvolvimento e conclusão.

“Porque a graça de Deus se manifestou, trazendo salvação a todos. Ela nos educa para que, renegadas a impiedade e às paixões mundanas, vivamos neste mundo de forma sensata, justa e piedosa, aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo” (Tito 2. 11-13).

RESUMO

O presente trabalho é sobre a graça de Deus proveniente da doutrina da salvação e tem por objetivo apresentá-la, de forma discursiva, tendo por base a Teologia Arminiana, em uma perspectiva bíblica pentecostal clássica. O método utilizado foi a pesquisa bibliográfica com revisão da literatura especializada. Para tanto, as principais referências foram Jacó Armínio, Silas Daniel, Antonio Gilberto, Wayne Grudem, Roger Olson. O trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro conceitua a graça salvadora e algumas de suas manifestações e propósitos; o segundo trata, especificamente, da graça preveniente pentecostal; o terceiro analisa, por meio de uma chave hermenêutica, conceitos essenciais da teologia pentecostal clássica. Por fim, a conclusão apresenta a graça preveniente como a causa primária para a salvação.

PALAVRAS-CHAVE: Graça Preveniente. Arminiana. Salvação. Perspectiva Pentecostal.

ABSTRACT

This essay is about the prevenient Grace of God of the salvation's doctrine and aims to present it, discursively, based on Arminian Theology, in a classical Pentecostal biblical perspective. The used method was the bibliographic research with a review of specialized literature. Therefore, the main references were Jacó Armínio, Silas Daniel, Antonio Gilberto, Wayne Grudem, Roger Olson. The essay is divided into three chapters. The first conceptualizes saving Grace and some of its manifestations and purposes; the second deals, specifically, with Pentecostal prevenient Grace; the third analyzes, through an hermeneutical key, essential concepts of historical Pentecostal theology. At the end, the conclusion presents prevenient Grace as the primary cause for salvation.

KEYWORDS: Prevenient Grace. Arminianism. Salvation. Pentecostal Perspective.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. A GRAÇA E SUAS OPERAÇÕES, ATOS GRACIOSOS DA PARTE DE DEUS: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA LEITURA ARMINIANA.....	10
1.1 A graça Salvadora.....	11
1.2 A graça comum.....	15
1.2.1 Exemplos da graça comum.....	16
1.2.1.1 A esfera física	16
1.2.1.2 A esfera intelectual.....	16
1.2.1.3 A esfera moral.....	17
1.2.1.4 A esfera social e religiosa.....	18
1.2.2 A graça comum na hermenêutica pentecostal.....	19
2. A GRAÇA PREVENIENTE E OS REFLEXOS DELA NA TEOLOGIA PENTECOSTAL.....	21
2.1 Contemporâneos de Agostinho que ensinavam a graça preveniente.....	22
2.2 Agostinho de Hipona e a graça preveniente.....	23
2.3 Graça preveniente na perspectiva Pentecostal.....	24
2.4 A graça preveniente liberta o arbítrio.....	26
3. A GRAÇA RESISTÍVEL E UNIVERSAL: CONCEITOS TEOLÓGICOS ARMINIANOS NA PERSPECTIVA PENTECOSTAL.....	29
3.1 A universalidade da graça preveniente.....	29
3.2 A Graça precedente é resistível.....	31
3.3 A Atuação da Graça Preveniente.....	33
3.3.1 Graça preveniente no arminianismo clássico.....	33
3.3.2 Graça preveniente no arminianismo Wesleyano.....	35
3.4 A segurança da salvação em Cristo.....	36
3.4.1. É possível um apóstata voltar à fé e ser salvo?.....	38
CONCLUSÃO.....	40
REFERÊNCIAS.....	43

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, tem havido, nas editoras e nas igrejas pentecostais clássicas, um interesse cada vez maior pelos fundamentos de suas doutrinas bíblicas, credos e confissões eclesiais. Por isso, percebe-se um crescimento significativo no número de obras literárias e de produções de pesquisas que expõem coerente, sistemática e didaticamente a temática graça preveniente e suas implicações na doutrina da salvação.

Tendo em vista esse contexto, o objetivo deste trabalho é empreender uma pesquisa sobre a graça preveniente, partindo do crivo pentecostal e da perspectiva da teologia arminiana, conceituando essa graça divina como o processo inicial da parte de Deus para possibilitar ao homem, por meio do evangelho, compreender a obra salvadora de Cristo Jesus.

O título *A graça preveniente e a doutrina da salvação: reflexões a partir de uma teologia pentecostal clássica*, expressa a maneira como a doutrina bíblica da salvação, em perspectiva Arminiana, é pensada pelo pentecostalismo histórico.

A pergunta central, que move esta pesquisa, é: Como pensar a graça preveniente e qual é a sua importância para o homem caído que necessita da justificação para ser livre da culpa e da condenação do pecado?

As análises e discussões deste trabalho consideram o contexto eclesial em que o autor está inserido em seu fazer teológico: a igreja Assembleia de Deus, ministério de Belo Horizonte, que possui como prática uma teologia pentecostal e uma visão Arminiana a respeito da salvação.

Dessa forma, a motivação principal do presente trabalho é contribuir com o crescimento intelectual, espiritual e apologético do leitor que busca conhecer a doutrina da multiforme graça de Deus.

Como hipótese, assume-se que a graça preveniente, apresenta-se como uma restauração da capacidade que, naturalmente, o ser humano não teria para se arrepender de seus pecados e ter fé para ser salvo. Entretanto, tendo a graça preveniente libertado a consciência das influências más, o homem encontra-se na condição de se posicionar ante ao apelo da mensagem do evangelho. Contudo, o homem não se torna co-salvador ou salvador de si mesmo, pois, é Deus quem inicia, executa e aperfeiçoa a salvação.

A contribuição deste trabalho destina-se aos adeptos das diversas linhas teológicas e, mais especificamente, para os oriundos da teologia pentecostal e arminiana. Espera-se que o leitor conheça a essência e as bases da teologia Arminiana na perspectiva pentecostal.

O método escolhido é a revisão de literatura. Para tanto, a pesquisa tem como referência principal as obras: *As Obras de Armínio*¹, volume 1, do teólogo Jacó Armínio. *A mecânica da salvação: uma exposição histórica, doutrinária e exegetica sobre a graça de Deus e a responsabilidade humana*, do autor Silas Daniel²; atualizada pela *Teologia sistemática Pentecostal* de A. Gilberto³; e por fim, será utilizada também a *Teologia sistemática* de Wayne Grudem⁴.

O trabalho está dividido em três capítulos. Após uma introdução, o primeiro capítulo conceitua a graça salvadora e suas operações, distinguindo-a da graça comum e definindo suas manifestações e propósitos.

O segundo capítulo versa sobre como a graça preveniente é pensada e vivida nas igrejas pentecostais. Destarte, faz-se uma abordagem mais detalhada e histórica sobre o conceito de graça preveniente, porque o homem necessita dela; qual o seu papel na soteriologia, como ela age no pecador e sua importância. O terceiro capítulo aborda os temas da graça ilimitada, a graça resistível, e a possibilidade ou não de se perder a salvação. Doutrinas fundamentais para a teologia arminiana pentecostal clássica.

A conclusão responde à pergunta inicial, considerando que a salvação vem como ato gracioso de Deus. Portanto, cabe ao homem apenas responder ao convite do evangelho, sem méritos, ou synergismo, pois só Deus é o autor e consumador da salvação.

¹ Armínio, teólogo, doutor em divindade neerlandês da época da Reforma Protestante.

² Silas Daniel é teólogo e jornalista filiado à CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil).

³ Antonio Gilberto é pastor formado em teologia, letras e mestre em educação; foi membro do Conselho Mundial de Evangelismo do Congresso de Lausanne, na Suíça. Membro da diretoria da Sociedade Bíblica do Brasil, e da diretoria da Global University nos Estados Unidos, desde 1999.

⁴ Wayne Grudem é professor pesquisador do *Phoenix Seminary*, no Arizona. É Graduado em Harvard, mestre em Teologia pelo *Westminster Theological Seminary* e Ph.D. no Novo Testamento pela Universidade de Cambridge.

CAPÍTULO 1

A GRAÇA E SUAS OPERAÇÕES, ATOS GRACIOSOS DA PARTE DE DEUS: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA LEITURA ARMINIANA

O objetivo deste capítulo é discorrer sobre a graça salvadora e distingui-la da graça divina comum, na perspectiva arminiana pentecostal. Entretanto, não se faz aqui nenhuma afirmação sobre a existência de duas graças ou de dois tipos diferentes de graça, mas somente, que a graça de Deus pode se manifestar em formas distintas.

1.1 A graça Salvadora

A declaração de fé das Assembleias de Deus afirma:

Creemos, professamos e ensinamos que todos os homens e mulheres foram atingidos pelo pecado a tal ponto que, embora tenham sido feitos à imagem de Deus, não podem, por si mesmos, chegar a Deus (Rm 3.11). Sendo necessário, que Deus derrame sua graça, sem a qual os seres humanos não podem entender as coisas espirituais [...]. Todavia, os pecadores, influenciados pela graça que habilita a livre escolha, são livres para escolher [...]. Deus proveu a salvação para todas as pessoas, mas essa salvação aplica-se somente àquelas que creem (Rm 3.22). (Declaração de Fé das Assembleias de Deus, 2017, p. 113).

Entende-se, por graça Salvadora, neste trabalho, o favor de Deus, agindo em favor das pessoas. Um favor imerecido. É por meio dessa graça que Deus capacita o ser humano para que ele responda com fé ao chamado do evangelho. Em referência à Graça Divina, Armínio (2015, p. 231), acredita que:

(1.) É uma afeição gratuita pela qual Deus, tocado pelo amor, vai em direção a um pecador miserável e em primeiro lugar dá seu Filho, “para que todo aquele que nele crê... tenha a vida eterna”, e depois, Ele o justifica em Cristo Jesus e por causa dEle, o adota concedendo-lhe direito dos filhos, para a salvação. (2.) É uma infusão (tanto no entendimento como na vontade e afeições humanas) de todos os dons do Espírito Santo que pertencem à regeneração e a renovação da fé, da esperança, da caridade, etc. de tal homem, pois sem esses dons graciosos o ser humano não é suficiente ou capaz de pensar, ter vontades, ou fazer qualquer coisa que seja boa. (3.) A assistência permanente e a ajuda contínua do Espírito Santo, segundo a qual Ele

age e inclina para o bem o homem que já foi renovado, infundindo nele cogitações salutares, e inspirando-lhe com bons desejos, levam-no, assim, a desejar tudo que é bom; e de acordo com o que Deus pode desejar e trabalhar em conjunto com o homem, que o humano possa fazer o que ele quiser (ARMÍNIO, 2015, p. 231).

A maravilhosa Graça é um dom, que procede de Deus, consumado em seu Filho Jesus. Uma dádiva, um favor imerecido disponível para todos os homens. Ainda que muitos compreendam que a graça salvadora se iniciou na cruz do calvário, na morte de Jesus Cristo, há bases bíblicas e fundamentos teológicos para afirmar que este modo de agir de Deus já estava sendo manifestado antes da fundação do mundo.

Por meio da graça, os homens, que antecederam a Cristo e sua morte, foram salvos pela fé na promessa do Messias, e isso só foi possível por meio da graça de Deus revelada nas dispensações. Jacó Armínio afirma que:

Em sua condição primitiva, tendo vindo das mãos do criador, o ser humano foi dotado com uma porção de conhecimento, santidade e poder, para capacitá-lo a entender, estimar, considerar, desejar e fazer o bem de acordo com o que lhe foi dado como missão. No entanto, ele não podia realizar nenhum desses atos, sem o auxílio da graça divina. Em seu estado de descuido e pecado, o homem não é capaz de pensar, nem querer, ou fazer, por si mesmo, o que é realmente bom; pois é necessário que ele seja regenerado e renovado em seu intelecto, afeições e desejos, e em todos os seus poderes, por Deus, em Cristo, por intermédio do Espírito Santo, para que possa ser corretamente qualificado para entender, estimar, considerar, desejar, e fazer aquilo que realmente seja bom. E quando ele é feito participante dessa regeneração, considero que estando liberto do pecado, ele é capaz de pensar, de querer e fazer aquilo que é bom, dependendo sim da continuada graça divina. (ARMÍNIO, 2015, p. 231).

A palavra grega *charis*, usada no texto bíblico, pode ser traduzida, para a língua portuguesa, como “graça”, bem como “charme”, “carismático” (no sentido exato), “caridade”, “agradável”, “atraente”, “agradecer”, “gratidão”. Graça está relacionada à salvação, é a atitude (ou provisão) graciosa do Senhor para com o indigno transgressor da sua lei (cf. Rm 3.9-26). A graça resulta da parte de Deus para com o pecador (GILBERTO, 2008, p. 351).

O novo dicionário de teologia de Sinclair David J.I. Packer (2009, p. 467) traz a seguinte definição de graça:

As palavras bíblicas traduzidas por “graça” são *hên* (heb.) e *charis* (gr.). Nenhuma traz consigo, porém, o sentido comum da palavra “graça”, como o conhecemos, que implica virtude pessoal. Indicam, pelo contrário, uma relação objetiva de favor imerecido conferido por

alguém superior a outro inferior, que, no caso da graça de Deus para com a pessoa humana está ligado às ideias de pacto e de escolha. Esse favor divino ao indivíduo, tanto como criatura quanto como pecador, resultará, contudo, em vida transformada, mediante o chamado eficaz (G1 1.15), com a produção de fé e arrependimento (Ef 2.8,9; 2Tm 2.25). (NOVO DICIONÁRIO DE TEOLOGIA Sinclair David J.I. Packer, 2009, p. 467).

O que Deus concede, nunca a humanidade poderá recompensá-lo ou pagar-lhe; dessa forma, a graça nunca incorre em dívida. Por isso, é um benefício legítimo do Senhor [...] (Rm 6.23). (PEARLMAN⁵, 2009, p. 234). A graça é a transação de Deus com o humano, absolutamente independente da questão de méritos. Pelo fato de que ela fundamenta todo o relacionamento de Deus com o homem em misericórdia.

Havendo chegado à conclusão de que o ser humano é pecador, sem possibilidade alguma de, por si mesmo, libertar-se do pecado e recuperar a comunhão com Deus que lhe seria possível em estado de pureza, chega-se à seguinte pergunta: - Como o ser humano pode ser salvo? A resposta está na própria Escritura: “Pela Graça de Deus sois Salvos” (Efésios 2.8).

O que é a Graça de Deus? Muitos entendem ou tem a impressão de que é algo que Deus concede ao ser humano, uma realidade independente de Deus, uma força misteriosa, um poder extraordinário que opera a salvação. Todavia, a graça de Deus é sua disposição benevolente para com o homem, sua misericórdia posta em ação a favor do ser humano, exercendo-se de tal maneira para sua salvação. (RANGEL, Graça Preveniente ou Graça preventiva ou Graça salvadora Igreja Metodista 2017)⁶.

Entrementes, quando se diz que a salvação é somente pela Graça Salvadora de Deus, isso significa que a humanidade só pode se salvar pela bondade genuína de Deus e seu favor não recompensado postos em ação na vida do pecador, na pessoa de Jesus Cristo, o Filho de Deus Pai, por meio de sua morte expiatória, e morte de Cruz. Uma oblação de amor, graça e misericórdia.

⁵ Pearlman é educador, teólogo e autor norte-americano. Formou-se pelo Central *Bible Institute* em Ingfield, Missouri. Além de comentarista das lições de escola dominical da *Assemblies of God*, escreveu diversas obras, muitas delas publicadas no Brasil pela CPAD.

⁶ Graça Preveniente ou Graça Preventiva ou Graça Salvadora. Igreja Metodista 2017. <<https://www.metodista1re.org.br/graca-preveniente-ou-graca-preventiva-ou-graca-salvadora/>> acessado em 16/04/2021.

Pearlman (2009, p. 235), fazendo uma comparação entre a lei e a graça, afirma que, enraizada no coração humano, está a ideia de que o pecador deve fazer algo para se tornar merecedor da salvação.

Enquanto a lei diz: pague tudo, a graça diz que está tudo pago. A lei representa uma obra a fazer, a graça é uma obra consumada. A lei restringe as ações, a graça transforma a natureza. A Lei condena, a graça justifica. Debaixo da lei, o indivíduo é servo assalariado; debaixo da graça, ele é filho em alegria de herança ilimitada. (PEARLMAN, 2009, p. 235).

A graça de Deus aos pecadores revela-se no fato de que ele mesmo, pela expiação de Cristo, pagou toda a pena do pecado. Por conseguinte, ele pode justamente perdoar o pecado sem levar em conta as obras do pecador. Os pecadores são perdoados não apenas porque Deus é benigno e amoroso para desculpar as iniquidades deles, mas, porque existe redenção mediante o sangue de Cristo (Rm 3.24; Ef 1.6).

Antonio Gilberto (2008, p. 352) escreveu:

A graça de Deus é o dom da salvação em Cristo, como dádiva de Deus ao pecador, indigno e merecedor do justo juízo de Deus [...]. (Tt 2.11). Ela é o poder sustentador de Deus, que nos mantém firmes e perseverantes na fé, depois de salvos (2 Co 12.9), como lemos em 2 Timóteo 2.1: “Tu, pois, meu filho, fortifica-te na graça que há em Cristo Jesus”. A graça do Senhor é a dádiva das bênçãos diárias que recebemos dele, sem merecê-las (Jo 1.1 6). E, ainda, a dádiva da capacitação divina no crente, para este realizar a obra de Deus. (1 Co 15.10; Hb 12.28) (GILBERTO, 2008, p. 352).

O pastor e erudito bíblico, Donald Barnhouse (1952, p. 72), explica sobre a temática graça: “[...] o amor que se eleva é adoração, o que vai para fora é afeição: o amor que se inclina é graça”. Charles R. Swindoll (2000, p. 30) usa uma ilustração que corrobora com a definição supracitada:

Quem já viajou para Londres, talvez tenha visto a família real, caso positivo, pode ter notado sofisticação, reserva, distância entre as realezas e os súditos. Porém em certas ocasiões alguém da nobreza se abaixa, ajoelha e toca ou abençoa um indivíduo comum. Isso sem dúvidas é graça, pois não há nada no plebeu que mereça ser notado, tocado ou abençoado, mas por causa da graça no coração de algum dos nobres, surge nesse momento o desejo de parar, inclinar-se, tocar e relacionar se com um simples indivíduo [...]. (SWINDOLL, 2000, p. 30).

A graça de Deus, da qual vem a salvação, é gratuita em tudo e para todos; ela não depende do poder ou mérito do ser humano. Do mesmo modo, ela não depende das boas obras ou da retidão daquele que a recebe, de coisa alguma que ele tenha feito ou que seja. Não depende dos seus esforços, dos seus sentimentos, bons desejos, bons propósitos ou intenções.

A graça de Deus, conforme afirma Wesley, da qual vem a salvação para o pecador, é gratuita em tudo e para todos.

É gratuita a todos a quem é concedida. Não depende do poder ou mérito do ser humano, em nenhum grau, nem no todo, nem em parte. Do mesmo modo, ela não depende das boas obras ou da retidão daquele que recebe, de coisa alguma que tenha feito ou que seja. Não depende dos seus esforços, dos seus sentimentos, bons desejos, bons propósitos ou intenções, pois todas essas emoções fluem da graça gratuita de Deus; são apenas a corrente, não a fonte. São os frutos da graça gratuita e não a raiz. Essas obras não são a causa, mas os efeitos da graça. Seja o que for de bom que haja no homem ou que seja feito por ele, é Deus o autor e que o faz. Assim é a sua graça gratuita em tudo, isto é, não depende de nenhum poder ou mérito no homem, mas somente em Deus, que nos deu gratuitamente o seu próprio Filho e com ele deu-nos gratuitamente todas as coisas (COLETÂNEA DA TEOLOGIA DE JOÃO WESLEY, de Burtner e Chiles, 1995, pág. 117 e 118).

1.2 A Graça comum

A partir de uma concepção teológica, a graça comum refere-se às bênçãos imerecidas que Deus concede a todos, tanto aos que creem quanto aos que não creem.

Quando Adão e Eva pecaram, eles se tornaram merecedores do castigo eterno e da separação de Deus (Gn 2.17). Por analogia, quando os seres humanos pecam, tornam-se sujeitos à ira de Deus e ao castigo eterno, como afirmam as Escrituras em Romanos 6.23, pois o salário do pecado é a morte.

Wayne Grudem relata que:

Adão e Eva não morreram no mesmo instante (embora a sentença de morte tenha começado a vigorar na vida deles no dia em que pecaram). A execução completa da pena de morte foi adiada por muitos anos, e milhões dos seus descendentes até hoje não morrem nem vão para o inferno logo que pecam, mas continuam a viver por muitos anos, desfrutando de bênçãos incontáveis neste mundo. (GRUDEM, 2019, p. 404).

A graça comum pode ser definida como o meio pelo qual Deus confere bênçãos sem medidas, extensivas a todos os homens e mulheres, salvos ou não. Quando se fala em graça comum e graça salvadora, não se está afirmando que haja dois tipos diferentes de graça divina, mas somente que a graça de Deus se manifesta no mundo de várias formas. Grudem ainda ressalta:

A Graça comum difere da graça salvadora quanto aos seus resultados, pois a comum não traz salvação quanto aqueles que a recebem, é dada tanto aos que creem quanto aos que não creem e quanto à sua natureza ela não flui diretamente obra expiatória de Cristo, já que a morte de Cristo não concede grau nenhum de perdão para os incrédulos e, portanto, nem leva em conta as bênçãos da graça comum dispensadas a eles. (GRUDEM, 2019, p. 404).

1.2.1 Exemplos da graça comum:

Segundo Grudem (2019, p. 404), “podemos distinguir várias categorias específicas em que se percebe essa graça comum [...]”, quais sejam: a) a esfera física; b) a esfera intelectual; c) a esfera moral e d) a esfera social e religiosa.

1.2.1.1 A esfera física

Na esfera física, os ímpios continuam habitando neste mundo, simplesmente por causa da graça comum, uma vez que o salário do pecado é a morte; além disso, a terra não produz somente espinhos e ervas daninhas (Gn 3.18), nem subsiste como um deserto tórrido, isso devido à graça comum de Deus. Por isso, a terra produz comida com abundância e diversidade. Davi, ao compor o Salmo 145.9,15-16, cita como Deus é gracioso com toda criação:

O Senhor é bom para todos: a sua compaixão alcança todas as suas criaturas [...]. Os olhos de todos estão voltados para ti, e tu lhes dá o alimento no devido tempo. Abres a tua mão e satisfazes os desejos de todos os seres vivos. (Sl 145. 9,15-16).

1.2.1.2 A esfera intelectual

Na esfera intelectual, considera-se que, no mundo atual, até mesmo os incrédulos, não são totalmente entregues à mentira, à irracionalidade ou à ignorância. Todas as pessoas podem ter alguma noção da verdade (GRUDEM,

2019, p. 406). A graça comum, na esfera intelectual, é reconhecida factualmente por um certo conhecimento que todas as pessoas têm sobre Deus (Rm 1.21).

A graça comum também traz a capacidade de compreender e distinguir entre o certo e o errado, entre a verdade e a mentira, bem como a capacidade de experimentar um crescimento no conhecimento que pode ser usado na investigação do universo e na tarefa de dominação da Terra.

Assim, todas as descobertas, as evoluções tecnológicas, as invenções incríveis, as criações e inovações etc. são frutos da graça comum, independentemente de serem feitas por pessoas que creem em Deus ou não. Em um sentido prático, isso indica que, toda vez que se usufrui de algo produzido por mãos humanas, também se está desfrutando do resultado da abundante graça comum, que é derramada de forma tão intensa sobre toda a humanidade.

1.2.1.3 A esfera moral

Na esfera moral, por meio da graça comum, Deus também impede que as pessoas cheguem ao máximo de sua maldade. Segundo Wayne Grudem (2019, p. 407), “No caso da maioria dos seres humanos, estes não se afundam o máximo no abismo a que o pecado os levaria em outras circunstâncias, porque Deus intervém e estabelece limites à sua conduta”. Uma força muito eficiente é a consciência. O apóstolo Paulo diz:

Porque, quando os gentios, que não têm lei, fazem naturalmente as coisas que são da lei, não tendo eles lei, para si mesmos são lei; os quais mostram a obra da lei escrita em seus corações, testificando juntamente a sua consciência, e os seus pensamentos, quer acusando-os, quer defendendo-os. (Rm 2.14-15).

Essa compreensão ético-moral que Deus concede a todas as pessoas, frequentemente irá auxiliar na instauração das leis, costumes e padrões morais e éticos na sociedade que são, no que se refere ao comportamento exterior, aquilo que se aprova ou se proíbe, tal como o padrão das leis morais estabelecidas nas Escrituras. Portanto, compreende-se que aquelas pessoas que cometem os mais sórdidos pecados, conhecem o justo decreto de Deus.

Dentre esses e outros exemplos, há ainda a graça comum na esfera criativa, em que Deus permitiu que a humanidade se desenvolvesse nas áreas

artística, musical, gastronômica, literária, técnicas, tecnológicas e outras, frutos de sua graça comum.

1.2.1.4 A esfera social e religiosa

Nas esferas sociais e religiosas, percebe-se que a graça de Deus também se demonstra na existência de várias organizações e estruturas da sociedade. Nota-se a graça no casamento, na família, nas instituições educacionais, nas empresas, nas corporações e na própria criação do governo humano, tudo pelo ato gracioso de Deus. Até mesmo na esfera religiosa, a graça comum traz bênçãos para as pessoas que não creem. Por meio das intercessões por todos, dos aconselhamentos pastorais e das ações sociais e eclesiais.

Mediante o exposto, torna-se necessário afirmar que a graça comum não salva ninguém, não tem o poder de transformar o coração humano e não pode levar a pessoa ao arrependimento genuíno e à fé, embora, na esfera intelectual e moral, a graça comum possa dar alguma preparação para predispor os pecadores a aceitarem o evangelho.

O que distingue a graça comum da graça salvadora, embora elas emanem da mesma fonte, é a afirmação de que a graça comum não provê em si a salvação. Nesse horizonte, o teólogo Antonio Gilberto (2008, p. 350) comenta:

“Abres a mão e satisfazes os desejos de todos os viventes”. Aqui não se trata de graça salvadora; diz respeito ao favor de Deus dispensado bondosamente aos seres humanos, no sentido de prover os meios de subsistência a todos, sem distinção (cf Sl 104.10-30). (GILBERTO, 2008, p. 350).

Em concordância com Antonio Gilberto, em relação à graça comum ser ineficaz para a salvação, Grudem (2019, p. 410) afirma:

É preciso reconhecer que as obras dos incrédulos realizadas por causa da graça comum não têm em si nenhum mérito para obter aprovação ou favor de Deus. Essas obras não surgem da fé (“tudo o que não provém da fé é pecado”, Romanos 14.23), nem são motivadas pelo amor a Deus (Mt 22.37), mas sim, de um modo ou de outro, pelo amor próprio. Portanto, embora possamos a princípio reconhecer que as obras dos incrédulos que se alinham com as leis de Deus em algum sentido sejam “boas”, ainda assim não são boas para merecer a aprovação de Deus nem para constranger Deus de nenhum modo em favor do pecador. (GRUDEM, 2019, p. 410).

1.2.2 A graça comum na hermenêutica pentecostal

Diferente de alguns teólogos reformados, de soteriologia oposta à arminiana, que compreendem que a graça comum não é para fins salvíficos, a maioria dos teólogos arminianos clássicos, bem como todos os arminianos-Wesleyanos, não diferenciam a graça comum da graça salvadora. Para ambos, todo tipo de manifestação da graça de Deus, em relação ao homem, mesmo que indiretamente, tem objetivos salvíficos.

Silas Daniel (2020, p. 374) afirma que todas as bênçãos naturais que o ser humano recebe, bem como os livramentos, não significam outro tipo de graça em ação, mas, exatamente a graça preveniente de Deus atraindo o homem para si.

No arminianismo Wesleyano, não há uma graça com propósitos terrenos e passageiros de um lado e outra graça com propósitos celestiais e eternos do outro, não há uma graça comum de um lado e uma graça preveniente do outro, mas uma única graça em ação, a qual é comum e tem sempre, em última análise, propósitos celestiais e eternos (DANIEL, 2020, p. 374).

"A ênfase sobre a graça comum ser distinta da graça salvadora é recente, remonta há pouco mais de 100 anos" relata Silas Daniel (2020, p. 374), e essa ocorre como uma tentativa de fazer crer que a manifestação visível e indiscriminada do cuidado de Deus para com todos os seres humanos não significa que Deus realmente se importa com todos os humanos a ponto de prover a graça salvadora para todos os ímpios; assim a graça de Cristo é limitada e se difere da graça comum.

Porém, os arminianos pentecostais compreendem que a graça salvadora também é comum a todos, assim como a graça chamada comum ou geral também o é. (Tt 2.11). Como afirma o teólogo Benny C. Aker, (*apud* Daniel, 2020, p. 374) comentando João 1.9, "ainda que o mundo rejeite o criador, Ele lhe dá uma medida de luz. Esta medida é expressa em nossos dias como graça comum, a graça de Deus que atrai cada pessoa e vai para cada pessoa".

A Palavra de Deus é clara no que diz respeito à salvação, Deus usa de misericórdia para com todos (Rm 11.32). A própria graça comum de Deus a todos os seres humanos aponta para um alcance geral da graça salvadora, um agir universalmente em favor da raça caída. O apóstolo Paulo declara:

Isso é bom e agradável perante Deus, nosso Salvador, que deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus, o qual se entregou a si mesmo como resgate por todos [...] (cf. 1 Tm 2.3-6; versão N.V.I).

Se o Senhor é, de fato, um Deus misericordioso para com todos, e a Bíblia enfatiza claramente que Ele é: (Sl 145.9), “O Senhor é bom para com todos, e as suas misericórdias são sobre todas as suas obras”. Silas Daniel (2020, p. 372) aborda: “Como Deus pode manifestar sua graça a todos os seres humanos, sendo benigno até para os ingratos e maus, sem conceder a todos também a possibilidade de salvação”?

Não fazê-lo torna Deus injusto e, potencialmente, o autor do mal, pois se todas as pessoas são sempre incapazes de responder ao chamado divino com que base elas podem ser responsabilizadas totalmente pelo pecado, uma vez que elas não têm alternativa, pois não têm livre-arbítrio para aceitar ou resistir às coisas de Deus e Deus ainda concede esse livre-arbítrio arbitrariamente somente a alguns? (DANIEL, 2020, p. 373. 374).

A graça salvadora, portanto, é comum a todos, porque Deus ama o mundo e, por isso, ambas manifestações da graça de Deus devem ser consideradas, à luz das Sagradas Escrituras, um ato gracioso e complementar na vida humana.

O próximo capítulo trata da graça preveniente e como ela é pensada e vivida nas igrejas pentecostais. Destarte, será feita uma abordagem histórica e contemporânea através da hermenêutica bíblica pentecostal sobre o conceito de graça preveniente.

CAPÍTULO 2

A GRAÇA PREVENIENTE E OS REFLEXOS DELA NA TEOLOGIA PENTECOSTAL

Durante os primeiros 400 anos da história do cristianismo, pode-se depreender, com segurança, pelos escritos dos Pais da Igreja, como relata Silas Daniel (2020) que: “a posição adotada pelos cristãos acerca da doutrina da salvação foi, na maioria dos casos por volta do século 17, o que é chamado de Arminianismo” (DANIEL, 2020, p. 17).

O Arminianismo afirma que a salvação é uma obra totalmente divina e, à luz da Bíblia, assevera que Deus não apenas propiciou a salvação como também capacitou o livre-arbítrio humano para as coisas espirituais.

Logo, uma vez que a salvação e a liberdade de escolha são propiciadas pelo próprio Deus, o ser humano não pode vangloriar-se por ter assentido ao chamado divino, porque até sua capacidade de responder foi dada por Deus.

Portanto, o ser humano tem apenas uma pequena participação, possibilitada por Deus, no processo salvífico que é de caráter mais passivo, uma vez que o pecador apenas recebe a graça e responde a ela, do que ativo no processo inicial de sua salvação, pois Deus é o agente, que, por meio da ação graciosa, age em prol do ser humano.

Como afirma Silas Daniel (2020, p. 18), “mais passivo do que ativo porque o pecador nessa fase inicial só confia, aceita e se submete à graça”. o autor (2020, p. 21) acrescenta: “os Pais da igreja pré-Agostinho eram todos eles, sinergistas⁷, sendo a maioria (principalmente os Pais Gregos) de linha semipelagiana e os demais (principalmente os Pais Latinos) de linha arminiana”.

A crença em um livre-arbítrio preservado ou auxiliado por uma ação preveniente da graça divina é descrito nos registros dos Pais da Igreja pré-Agostinho. “Os pais da igreja pré-Agostinho sempre irão falar de uma cooperação entre graça e vontade humana no processo Salvífico, bem como de uma possível resistibilidade à graça” (DANIEL, 2020, p. 22).

⁷“Sinergia” é um conjunto de ações ou esforços simultâneos associados em prol de um mesmo fim, sugere implicitamente uma cooperação de forças mais ou menos equivalentes para atingir um objetivo comum.

Textos da patrística pré-Agostiniana, sobretudo a ocidental, mostram que não apenas a doutrina bíblica da graça preveniente foi defendida por alguns Pais da Igreja, nesse período, como também foram estes os primeiros a usarem o termo “graça preveniente” para se referirem a essa graça como preparatória (DANIEL, 2020, p. 39).

Para comprovar essas afirmações, Silas Daniel (2020, p. 39) cita alguns dos Pais da Igreja que defenderam a doutrina da graça preveniente;

Clemente de Roma (39-97), Tertuliano (160-220), Cipriano de Cartago (205-258), Arnóbio de Sica (250?-330), Mário Vitorino (300-370), Gregório de Nazianzo (329-389), Ambrósio (340-397) e Ambrosiaster ou Pseudo-Ambrósio (350-400?) (DANIEL, 2020, p. 39).

2.1 Contemporâneos de Agostinho que ensinavam a graça preveniente

Em sua obra: *A mecânica da Salvação*, Silas Daniel (2020, p. 43-44) apresenta dois contemporâneos do bispo Agostinho de Hipona que esposaram a graça preveniente mais ou menos na mesma época que ele.

O primeiro deles é um dos maiores nomes entre os Pais Latinos; Jerônimo de Estridão, mais conhecido como Jerônimo (347-420), que afirmava a “absoluta corrupção universal do pecado”, a “predestinação condicional” com base na presciência divina e o ensino da graça preveniente, explicitando que é a graça divina que possibilita o livre-arbítrio humano para as coisas de Deus [...] (JERÔNIMO, *Cartas de São Jerônimo*, CXXXIII). O outro nome a defender a graça preveniente simultaneamente à Agostinho é o padre português Paulo Osório (383-418). Teólogo, historiador e apologista que visitou a Palestina e a África no ano 414, justamente para discutir teologia pessoalmente com Jerônimo e o bispo de Hipona, tendo inclusive ajudado Agostinho na elaboração de parte da sua obra magna *Cidade de Deus* [...] e posteriormente, participou das primeiras discussões contra Pelágio e sua doutrina, tendo representado o grupo ortodoxo no Sínodo de Jerusalém em 415 [...]. Osório ajudou Jerônimo e Agostinho diretamente nessa luta, escrevendo pessoalmente contra a obra de Pelágio sobre o “livre-arbítrio”, a qual se destina a defender dois aspectos da Salvação: a “depravação total e a graça preveniente”. (SILAS DANIEL, 2020, p. 43-44).

Reproduzindo as palavras de Kelly, J.N.D *apud* Silas Daniel (2020, p. 45), Silas Daniel sintetiza todo esse período afirmando que:

Se os Pais Gregos pré-Agostinho “concordavam que a vontade do homem continua livre” após a queda, os Pais Latinos pré-Agostinho, em sua maioria, “mantiveram as verdades paralelas do livre-arbítrio humano e de sua necessidade da ajuda de Deus”, com “uma ênfase cada vez maior nesta última” manifestando “um senso mais profundo da dependência que o ser humano tem de Deus” (KELLY J. N. D *apud* DANIEL, 2020, p. 45).

2.2 Agostinho de Hipona e a graça preveniente

Assim como alguns de seus contemporâneos supracitados, Agostinho⁸ também defendia a precedência da graça como seus amigos, inclusive fazendo uso do termo graça preveniente, porém afirmaria, posteriormente, divergindo dos Pais da Igreja, que “essa graça seria oferecida só a alguns e seria irresistível, algo nunca proposto antes [...]” (DANIEL, 2020, p. 44-45).

Ao explorar as funções da graça, Agostinho elaborou três noções essenciais que têm tido um impacto sobre a teologia ocidental, como afirma Alister E. McGRATH (2010, p. 514):

1 A graça preveniente. O termo latino *preveniens* significa literalmente “vir à frente”; ao falar de “graça preveniente”, Agostinho está defendendo sua posição característica de que a graça de Deus está atuando na vida do ser humano antes mesmo da conversão. A graça “vem à frente” da humanidade, preparando a vontade humana para a conversão. Agostinho destaca o fato de que a graça não se torna operante na vida de uma pessoa apenas após sua conversão; o processo que leva à conversão é um processo preparatório, no qual a graça preveniente de Deus está ativa. 2 A graça operativa. Agostinho dá ênfase ao aspecto de que Deus opera a conversão dos pecadores sem que haja a menor participação deles. A conversão é um processo puramente divino, no qual Deus age sobre o pecador. O termo “graça operativa” é usado como uma referência ao modo pelo qual a graça preveniente não depende da cooperação do homem para produzir seus efeitos, ao contrário da graça cooperativa. 3 Graça cooperativa. Tendo alcançado a conversão do pecador, Deus agora colabora com a renovada disposição do ser humano, no sentido de conseguir se transformar e crescer em santidade. Tendo libertado a vontade humana do jugo do pecado, Deus agora pode cooperar com essa vontade liberta. Agostinho usa o termo “graça cooperativa” para se referir à maneira pela qual a graça atua na natureza humana após a conversão (McGRATH, 2010, p. 514).

⁸ Aurélio Agostinho, de Hipona, conhecido universalmente como Santo Agostinho, foi um dos mais importantes teólogos e filósofos nos primeiros séculos do cristianismo, cujas obras foram muito influentes no desenvolvimento do cristianismo e filosofia ocidental. Foi bispo de Hipona, uma cidade na província romana da África. Escrevendo na era patrística, é amplamente considerado como o mais importante dos Padres da Igreja no ocidente.

2.3 Graça preveniente na perspectiva Pentecostal

A graça preveniente é o termo teológico que explica a forma como Deus capacita o ser humano previamente para que este possa atender ao chamado da Salvação.

Assim como diversas doutrinas da igreja, a exemplo da Trindade e da depravação total, como o próprio livre-arbítrio, o termo “graça preveniente ou graça precedente” não se encontra expressamente nas Escrituras, mas o seu ensino sim, visto tratar-se de uma categoria bíblica tácita, evidenciada por meio da interpretação sistemática do texto Sagrado. Sobre isso, Silas Daniel (2020, p. 365) diz: “umbilicalmente ligado às doutrinas do pecado original e da depravação total [...] está a doutrina Bíblica da graça preveniente, também chamada de “graça precedente” ou Graça preparatória”. Entende-se por graça o favor divino do qual o pecador não é merecedor.

A ponte entre a depravação total e o livre-arbítrio é justamente a chamada graça preveniente, uma manifestação da graça divina enfatizada claramente nas Escrituras, como afirma Silas Daniel (2020, p. 365).

Essa ligação se dá porque, por um lado, é impossível entender a graça preveniente sem compreender antes a realidade da depravação total da humanidade; e por outro lado, a realidade da depravação total do ser humano impõe, até mesmo logicamente, uma graça divina preparatória para tornar possível o início da obra salvadora de Deus na vida do pecador (DANIEL, 2020, p. 365).

O uso do termo “preveniente ou precedente”, atrelado ao vocábulo graça, é apenas para deixar claro que se refere a uma ação graciosa da parte de Deus que antecede à conversão. Essa manifestação da graça recebe, teologicamente, essa designação, porque a Bíblia mostra que é só através de uma intervenção precedente e preparatória da graça de Deus que a depravação total pode ser suplantada, possibilitando ao arrependimento e fé, como asseveram as Escrituras em (Rm 2.4) “que é a bondade divina que nos conduz ao arrependimento”.

Seguindo os textos bíblicos, Armínio, que usava o termo graça preveniente e defendia seu conceito, embora tenha usado essa nomenclatura poucas vezes, se opunha fortemente à afirmação heterodoxa de alguns

teólogos⁹ que persuadiram sobre a possibilidade de uma pessoa poder fazer alguma coisa boa em direção à sua salvação sem auxílio da graça de Cristo.

Reitera Armínio:

O livre arbítrio é incapaz de iniciar ou aperfeiçoar qualquer bem verdadeiro e espiritual sem a graça. [...]. Esta graça é simples e absolutamente necessária para o esclarecimento da mente, a devida ordenação dos interesses e sentimentos, e a inclinação da vontade para o que é bom. É esta graça que opera na mente, nos sentimentos e na vontade; que infunde na mente bons pensamentos, inspira bons desejos às ações e faz com que a vontade coloque em ação bons pensamentos e bons desejos. Esta graça vai antes, acompanha e segue, instiga, auxilia, opera o que queremos e coopera, para que não queiramos ir em vão. A graça evita tentações, auxilia e concede socorro em meio às tentações, sustenta o humano contra a carne, o mundo e Satanás, e, nesse grande conflito, concede vitória ao ser humano. Ela levanta outra vez os que são vencidos e os que estão caídos, firmando-os e dando a eles nova força, além de fazer com que sejam mais cuidadosos. Está graça inicia a salvação, promovendo-a, aperfeiçoando-a e consumando-a. Confesso que a mente de um homem carnal e natural é obscura e sombria, que os seus afetos são corruptos e desordenados, que a sua volição é obstinada e desobediente, e que o próprio homem está morto em pecados [...] Aqueles que são obedientes a vocação ou ao chamado de Deus concedem livremente o seu consentimento à graça, mas são previamente instigados, impelidos, atraídos e auxiliados pela graça; e, ao mesmo tempo em que dão esse consentimento, possuem a capacidade de não consentir. Portanto, no princípio de sua conversão, o ser humano se comporta de uma maneira puramente passiva [...] Nenhum homem crê em Cristo, exceto aquele que foi previamente disposto e preparado pela graça preveniente ou precedente para receber a vida eterna mediante aquela condição sob a qual Deus deseja concedê-la. (ARMÍNIO, 2015, p. 298, 406, 430, 432).

A Graça preveniente é o amor de Cristo em ação, é Deus tomando a iniciativa em relação ao pecador caído, e não apenas no sentido de propiciar a salvação, mas também no sentido de habilitá-lo a recebê-la atraindo-a para ele.

A graça divina não apenas precede, mas acompanha e segue a salvação do salvo.

⁹ Teólogos conhecidos como pelagianos e semi pelagianos que afirmavam “ser possível que uma pessoa faça alguma coisa boa [em direção à sua salvação] sem a ajuda da graça de Deus” (DANIEL, 2020, p. 366)

Pelagianismo é como ficou conhecida a doutrina herética formulada por Pelágio, um monge britânico que viveu entre os séculos 4 e 5 d.C. O pelagianismo nega especialmente a verdade acerca do pecado original. A doutrina pelagiana foi condenada como heresia pela Igreja em diversos concílios. O Pelagianismo basicamente ensina que o homem nasce em uma condição moralmente neutra, ou seja, sem pecado. Assim ele é dotado plenamente do livre-arbítrio, de modo que sozinho ele é capaz de decidir entre o bem e o mal.

Como frisou Armínio: (2015, p. 297) “graça salvadora de Deus pode ser interpretada como primária ou secundária, como precedente ou posterior, como operante ou cooperante, e como aquilo que bate ou abre, ou entra”.

A graça é o começo, meio e fim. “Aquele que começou a boa obra em nós é fiel para aperfeiçoá-la até o dia de Jesus Cristo” (Fp 1.6).

Nesse sentido, Armínio tinha um profundo compromisso com a graça divina, e, por isso, atribuía a ela a causa principal das bênçãos espirituais. Armínio tinha total convicção bíblica e factual dos efeitos devastadores decorrentes da Queda no pecado e da completa incapacidade do homem de conseguir o favor divino, seja o pensar, o querer, ou o fazer, por si mesmo, o que é realmente bom, necessitando, para tanto, da benevolência prévia e contínua de Deus.

2.4 A graça preveniente liberta o arbítrio

No seu estado natural, o ser humano não está apto para responder, de maneira nenhuma, ao chamado divino. Uma vez que à luz da Bíblia, o livre-arbítrio está sobre os efeitos da depravação plena no que concerne às coisas espirituais.

Portanto, “o livre-arbítrio para os acontecimentos espirituais é resgatado pela graça precedente e sendo assim, deve ser entendido na verdade como um arbítrio liberto” (DANIEL, 2020, p. 367). Toda essa ação e transformação não deve ser compreendida como natural, mas como sobrenatural, pois pertence à graça.

Timothy Munyon *apud* Silas Daniel (2020, p. 368) afirma:

Mesmo ainda possuindo “liberdade volitiva” após a queda, os seres humanos, são “incapazes de escolher a Deus”, logo, Deus pela sua bondade, equipa as pessoas com uma medida da graça que capacita e prepara a corresponder ao evangelho (Jo 1.9; Tt 2.12) (DANIEL, 2020, p. 368).

A Graça preparatória liberta o arbítrio humano, e assim, sua volição está apta para livre e suficientemente aceitar ou rejeitar o propósito divino da salvação, voltar-se para Deus, arrepender-se e crer.

Silas Daniel (2020, p. 368) enfatiza que Lutero no seu pequeno Catecismo cita:

Eu creio que por minha própria razão ou força não posso crer em Jesus Cristo, meu Senhor, nem vir a Ele. Mas o Espírito Santo me chamou pelo evangelho, me iluminou com seus dons, me santificou e me conservou na verdadeira fé (LUTERO *apud* DANIEL, 2020, p. 368).

Essa libertação do arbítrio humano pela ação da preveniente graça de Deus é o que muitos teólogos arminianos, como Roger Olson, chamam de “regeneração inicial ou parcial” que não deve ser confundida com a regeneração que ocorre com a conversão, quando é gerada na pessoa uma nova natureza em Cristo Jesus” (OLSON, 2013, p. 267 *apud* DANIEL, 2020, p. 369).

Os arminianos acreditam que a graça precedente restaura vida à pessoa morta em delitos e pecados. Todavia, ela não a força a aceitar a misericórdia de Deus para a salvação, que exige arrependimento e fé que gera a conversão.

Assim, na teologia arminiana pentecostal, uma regeneração parcial realmente precede a conversão, mas ela não é uma regeneração completa. É um despertar e uma capacitação, mas não uma ação irresistível. Em outras palavras, como explica Timothy Munyon, “quando cooperamos com o Espírito que nos chama e aceitamos a Cristo, essa cooperação não é o meio da renovação, pelo contrário, é o fruto da renovação” (DANIEL, 2020, p. 369).

Roger Olson chama ainda essa graça preveniente sobre o livre arbítrio de “estágio intermediário que não é nem ‘não regenerado’ nem ‘regenerado’, mas talvez ‘pós regenerado-não regenerado’ e pré-regenerado” (OLSON, 2013, p. 213).

As pessoas que respondem positivamente à graça, ao não resistir a ela, são nascidas de novo pelo Espírito Santo que é a regeneração plena. Nada disso está fundamentado em qualquer mérito humano, é uma dádiva perfeita, não imposta, mas livremente recebida.

Tanto a restauração do livre-arbítrio como a regeneração propriamente dita são atos da graça de Deus, decorrentes da obra de Cristo e totalmente distintas, como aborda Silas Daniel (2020):

Através da ação do Espírito Santo o pecador, ao ser submetido ao chamado divino, tem seu livre-arbítrio para as coisas espirituais restaurado por Deus naquele momento (regeneração parcial) e é atraído a Cristo. [...] E uma vez ele aceitando o favor divino, o Espírito o fará uma nova criatura (regeneração completa); e se esse pecador redimido e regenerado, seguindo aos apelos de sua nova natureza, continuar se submetendo à ação do Espírito em sua vida, este o santificará e por fim o glorificará no final dos tempos. Ou seja, a graça não apenas precede a salvação, mas perpassa a vida do cristão do início ao fim (DANIEL, 2020, p. 370).

O próximo capítulo aborda os temas da graça ilimitada e a graça resistível, doutrinas fundamentais para a teologia arminiana pentecostal clássica.

CAPÍTULO 3

A GRAÇA RESISTÍVEL E UNIVERSAL: CONCEITOS TEOLÓGICOS ARMINIANOS NA PERSPECTIVA PENTECOSTAL

Este capítulo possui duas partes. A primeira expõe alguns temas referentes à graça: a graça resistível, universal e suas atuações na perspectiva arminiana pentecostal. A segunda trata da possibilidade ou não de se perder a salvação, conhecido também como o decair da graça.

3.1 A universalidade da graça preveniente

A Bíblia enfatiza que a graça, que possibilita a salvação, é universal ou ilimitada, isto é, manifestada a todos os seres humanos. Vários são os textos bíblicos que atestam essa verdade a exemplo de (Jo 1.9; 12.32; 1Tm 4.10; Tt 2.11).

Do ponto de vista pentecostal, um aspecto importante sobre esse assunto é que, sem a doutrina da graça preveniente, torna-se sem sentido a ordenança de pregar a toda criatura (Mc 16.15), em todos os lugares, anunciando a todos a necessidade de se arrependerem (At 17.30), bem como a afirmação bíblica de que Jesus morreu por todos e é o salvador de todo o mundo (Jo 1.29; 1Tm 4.10; 1Jo 2.1,2).

O apóstolo Paulo assevera: “esperamos no Deus vivo que é o Salvador de todos os humanos, principalmente dos fiéis” (1Tm 4.10). Em explicação a esse versículo, a hermenêutica pentecostal questiona: “Por que o apóstolo diz ‘principalmente dos fiéis’? Porque estes são aqueles que disseram sim ao chamado divino para suas vidas, entregando-se a Cristo. Todavia, essa salvação é ofertada a todos, e está disponível para todos.

A Declaração de fé das Assembleias de Deus (2017, p. 113) afirma: “Deus proveu a graça salvadora para todas as pessoas, mas essa salvação aplica-se somente àquelas que creem [...]. Ou seja, a salvação é concedida a todos os seres humanos, porque Jesus morreu na cruz do calvário para dar salvação a todos. Todavia, somente os que creem em Jesus, tornam-se filhos de Deus.

Assim a expiação é ilimitada, porém condicionada. A universalidade da fé e a possibilidade do arrependimento (At 5.31; 11.18) não torna a salvação menos graciosa. Muito ao contrário, torna-a mais graciosa ainda.

Silas Daniel (2020) assevera: “O Deus que não faz acepção de pessoas (At 10.34,35), o Deus que ama o mundo (Jo 3.16) oferece salvação a todos, e também graça universal possibilitando a todos livremente escolher vir a Ele” (DANIEL, 2020, p. 379). Para a teologia arminiana, “uma graça que arbitrariamente é negada a alguns e que age coercitivamente sobre a disposição dos demais não pode ser graça” (DANIEL, 2020, p. 373).

Um dia, todos os seres humanos comparecerão diante do Senhor. Deus, contudo, não deseja a perdição de ninguém. As Escrituras Sagradas elucidam: “Deus quer que todas as pessoas se salvem e venham ao conhecimento da verdade” (1Tm 2.4). O Evangelho contempla a todos e a ninguém exclui: “porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os humanos” (Tt 2.11). Por conseguinte, a salvação está disponível a todos.

A Declaração de fé das Assembleias de Deus (2017) reitera: “todos nós, sem exceção, podemos ser salvos através dos méritos de Jesus Cristo, pois todos nós fomos criados à imagem de Deus” (Declaração de Fé das Assembleias de Deus, 2017, p. 110). Com essa declaração supracitada, entende-se a doutrina ensinada pelos pentecostais clássicos, mais especificamente da Assembleia de Deus, que a graça é ilimitada, sendo condicionada à fé em Cristo Jesus e sendo eficaz para os que a receberem.

Armínio sobre esse tema afirma: “[Jesus] morreu por todos os seres humanos e por cada um deles [...] de tal maneira que Ele obteve tudo para eles, por meio de sua morte na cruz, redenção e perdão de pecados” (ARMÍNIO, 2015, p. 288).

O teólogo e historiador Justo Gonzalez *apud* Jamierson Oliveira (2018) concorda com o pensamento de Armínio (OLIVEIRA, 2018, p. 41). Com isso, González clarifica o pensamento de Armínio que afirma que Deus havia ofertado a vida eterna a todos os pecadores, por meio da obra expiatória de Jesus Cristo, sendo este o Salvador do mundo e sendo a redenção, portanto, universal (Jo 3.16; 1Jo 2.2).

No entanto, não se deve confundir tal posicionamento com universalismo real (crença que no fim todas as pessoas serão salvas), pois as Escrituras afirmam que apenas os que crerem serão salvos.

3.2 A Graça precedente é resistível

Um aspecto importante sobre essa graça, na doutrina arminiana pentecostal, é que ela pode ser resistida, como assevera Silas Daniel (2020).

“Ninguém pode vir a mim, se o pai, que me enviou não o trazer”. Esse “trazer” não é irresistível, uma vez, que o termo traduzido aqui dessa forma é, no original grego, *elkô*, que, segundo o tradicional léxico de Strong, tem principalmente o sentido de ‘atrair’, de “induzir alguém a vir”. Ou seja, Deus atrai; Ele não força. Ele não violenta a liberdade humana concedida pela Sua graça e soberania. Jesus disse que os que vêm a Ele não são forçados, mas atraídos a Ele (Jo 12.32) (DANIEL, 2020, p. 375).

São vários os textos bíblicos que atestam a possibilidade de resistir à graça divina (Mt 23.37; Lc 7.30; At 7.5, 10.43; Jo 1.12, 6.51; 2Co 6.1; Hb 12.5 etc.).

Na perspectiva arminiana, a possibilidade de o ser humano resistir à graça não o torna seu próprio salvador. E, para isso, a analogia do rico e do mendigo, dita por Armínio, é de suma importância para esse questionamento:

Um homem rico concede, a um pobre e faminto mendigo, esmolas com as quais ele pode sustentar a si mesmo e à sua família. Isso deixa de ser um presente puro porque o mendigo estendeu a mão para recebê-lo? Pode-se dizer, com propriedade, que ‘a esmola dependeu, em parte, da liberalidade do doador e parcialmente da liberalidade do recebedor’, embora o último não tomaria posse da esmola a menos que tivesse recebido estendendo a mão? Pode-se dizer corretamente que, porque o mendigo está sempre preparado para receber, ‘ele pode receber ou não a esmola, conforme quiser’? Se essas afirmações sobre o mendigo que recebe a esmola não puderem verdadeiramente ser feitas, muito menos podem ser feitas com relação ao dom da fé, cujo recebimento requer muito mais atos da graça divina (ARMÍNIO, 2015, p. 379).

Interpretando a metáfora de Armínio supracitada, seria prudente dizer que a aceitação, por parte do mendigo, do dinheiro dado pelo homem rico foi um fator decisivo na sobrevivência de sua família? Quem diria tal coisa? Toda a atenção, neste caso, se concentraria no benfeitor e não no pobre receptor da benfeitoria.

Silas Daniel, interpretando essa analogia, assevera:

Mesmo o mendigo podendo estender a mão, a dádiva continua sendo uma dádiva. Mesmo o mendigo podendo estender a mão, a dádiva continua dependendo totalmente da liberdade do doador. Mesmo o mendigo se preparando para receber a oferta, seu preparo não é o que lhe garante a dádiva, mas sim a liberdade do doador (DANIEL, 2020, p. 379).

Sobre a possibilidade de o pecador resistir à graça, assevera Armínio: “Creio eu, de acordo com as Escrituras, que muitas pessoas resistem ao Espírito Santo e rejeitam a graça que lhes é oferecida” (ARMÍNIO, 2015, p. 232).

Em sua obra, Armínio, conforme escrito em sua *Declaração de Sentimentos*, assevera:

A graça é branda e se mescla com a natureza do homem, para não destruir dentro dele a liberdade da sua vontade, mas para lhe dar uma direção correta, para corrigir a sua depravação, e para permitir que o homem possua as próprias noções adequadas (ARMÍNIO, 2015, p. 209).

Armínio sustenta que a graça preveniente é resistível, podendo o homem rejeitá-la. Quanto ao modo de operação, a graça não é irresistível, porque está escrito acerca de muitos que resistiram ao Espírito Santo. O pensamento de Armínio reverberou ao longo dos anos, encontrando guarida em diversos arcabouços teológicos.

Na hermenêutica bíblica pentecostal, a fé não é uma obra, pois a própria Escritura faz distinção entre fé e obras (Tg 2). “Fé não possui mérito. Ela não é uma conquista. Ela é tão somente a entrega da vontade a Deus, o estender de uma mão vazia para receber o dom da graça” (DANIEL, 2020, p. 380).

A fé não é uma condição para se receber a graça, ela não é pré-requisito para alguém ser alvo da graça. A Bíblia enfatiza que a graça antecede a fé. A ação do Espírito Santo vem antes da fé: “Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo” (Jo 16.8).

Não somos salvos pela fé, mas sim, como Paulo afirma em Efésios 2: “pela graça mediante a fé”. Ou seja, é a graça que salva, é Cristo. O poder e o mérito são totalmente da graça, assim: “a fé é ato de submissão, entrega e confiança, é a recepção à graça, uma resposta positiva à graça” (DANIEL, 2020, p. 380).

Nas Escrituras Sagradas, diz-se que Deus adverte o seu humano insistentemente, mas alguns rejeitam deliberadamente a sua advertência (Hb 12.5; 2Cr 24.19; Jr 7.28,29); Deus na experiência bíblica chama as pessoas por causa da sua graça, contudo, em muitas ocasiões, as pessoas não querem responder ao seu chamado (Jr 7.13; Pv 1.24).

3.3 A Atuação da Graça Preveniente

Que a graça é manifestada a todos os pecadores já foi dito, porém, a grande questão é como ou quando essa graça se revela aos seres humanos, suspendendo os efeitos da depravação total em relação ao livre arbítrio para que se possa crer. Nesse ponto de vista, os arminianos se dividem em duas correntes de pensamentos: a crença arminiana clássica e a de linha teológica arminiana-Wesleyana.

3.3.1 Graça preveniente no arminianismo clássico

O arminianismo clássico defende que a “graça preveniente se manifesta ordinariamente por meio da pregação do Evangelho, pois é através dela que o Espírito Santo convence o ser humano do pecado, da justiça e do juízo” (Jo 16.8) (DANIEL, p. 381). A Palavra de Deus é a “espada do Espírito” que penetra as nossas interioridades (Ef 6.17; Hb 4.12).

A Fé é pelo ouvir, e o ouvir é pela palavra de Deus (Rm 10.17). Expondo esse versículo, o pastor Silas Daniel (2020) admite: "Note, o texto não diz 'ouvir a Palavra de Deus', mas 'ouvir pela Palavra de Deus'. É ela, pela ação do Espírito, que nos conduz a atendermos à voz do Espírito Santo" (DANIEL, 2020, p. 381). Pela pregação do Evangelho que é a boa nova de Cristo, a graça preparatória é manifestada sobre os corações, possibilitando arrependimento, fé e conversão.

Em Jo 1.9 é Cristo que ilumina todos os seres humanos a escutarem as boas novas do evangelho, concedendo-lhes certa medida de compreensão e graça para que estes possam aceitar ou rejeitar a mensagem e o convite de salvação. Na perspectiva doutrinária arminiana clássica: “se a Palavra de Deus

é o meio ordinário, a revelação geral¹⁰ é o meio extraordinário” (DANIEL, 2020, p. 381).

Jacó Armínio acreditava, à luz da Bíblia, da experiência e da razão, ser absolutamente possível uma pessoa ser conduzida a Deus sem a pregação externa do Evangelho, apenas pela revelação interna do Espírito. Entretanto, assevera Silas Daniel (2020): “Armínio frisava que tal meio era muito incomum, pois é fato que o Espírito de Deus usa principalmente a pregação da Palavra para operar essa revelação e conseqüentemente uma disposição no coração do ser humano” (DANIEL, p. 381).

“Há um cruzamento entre a graça preveniente e a chamada teologia natural, entre a capacidade para aceitar e a revelação natural” (DANIEL, 2020, p. 382). A esse respeito afirma o teólogo W. Brian Shelton:

O mecanismo de reconhecimento que ocorre quando uma pessoa encontra a obra de Deus na natureza ou na razão natural. Simplesmente, é a graça de Deus que “ativa e catalisa a capacidade de cada indivíduo” para “compreender Deus através da criação” e para “Crer e se arrepender” [...] “pode-se contemplar um criador, um *Designer*, e até mesmo uma figura providencial que perpetua o Seu cuidado com as criaturas feitas à sua imagem”, porque “a capacidade de reconhecer isso é pela graça-graça preveniente-que vem com a ajuda do Espírito Santo para redirecionar as pessoas a Deus (SHELTON, *apud* DANIEL, 2020, p. 382).

A Corrente arminiana-Wesleyana defende o mesmo raciocínio, mas com algumas peculiaridades que o distinguem do arminianismo clássico. A primeira, como relata Silas Daniel:

É que enquanto no arminianismo clássico a ação preventiva da graça se dá apenas durante a exposição do ser humano às revelações especial e geral de Deus, o arminianismo Wesleyano crê que essa ação preventiva está disponível constantemente ao ser humano, conquanto se torne aparente-isto é, manifesta- apenas durante a exposição destes às revelações especial e geral de Deus (DANIEL, 2020, p. 383).

¹⁰ Revelação “geral” porque é disponível universalmente de tal modo que é impossível para qualquer pessoa não a conhecer [...] Ou seja, é a expressão da teologia cristã utilizada para designar a revelação de Deus a toda a humanidade através, especialmente, da obra da criação [...] (SINCLAIR., DAVID., PACKER.J, 2009, p. 872-873). Contrasta com a revelação especial, que se trata de Jesus Cristo e, em segundo nível, da Bíblia.

Isso significa, nas palavras de Shelton, que “o mundo está, sob certo aspecto, ‘na condição de preparado para o evangelho’ enquanto o Senhor fornece-lhe um ‘evangelho preparado para o mundo’” (SHELTON, *APUD* DANIEL, 2020, p. 383).

3.3.2 Graça preveniente no arminianismo Wesleyano

De acordo com o pensamento Wesleyano¹¹, por meio da obra de Cristo na cruz, a graça preveniente já fora derramada sobre todos os seres humanos, concedendo-lhes universalmente a capacidade para receber ou resistir livremente a Cristo.

A segunda peculiaridade é sobre o pecado original, enquanto o arminianismo clássico crê que a culpa de Adão é imputada a todos os seres humanos, sendo apagada pela obra de Cristo apenas quando a pessoa vem para Cristo. Comparando a corrente do arminianismo clássico e Wesleyano, Silas Daniel (2020) assevera:

A justificação para todas as pessoas é em potencial, tornando-se real no homem sob todos os aspectos, somente à medida que este crê em Cristo e recebe a graça, a vida e o dom da justiça de Jesus Cristo (DANIEL, 2020, p. 384).

Por outro lado, o arminianismo-wesleyano crê que, por uma ação da graça com base na obra de Cristo, a culpa de Adão é preventivamente cancelada sobre todos os seres humanos, mas não a corrupção herdada, sendo cada ser humano condenável hoje apenas pelos seus próprios pecados, os quais só podem ser perdoados pela obra de Cristo quando o pecador vem para Cristo.

Dessa maneira o próprio João Wesley *apud* por Silas Daniel afirmou: “Pelos méritos de Cristo, todos os homens já estão limpos agora do pecado de

¹¹ Teologia wesleyana: teologia daquelas igrejas que se entendem como herdeiras das práticas e da teologia de John Wesley (1703-1791), sacerdote anglicano e *spiritus rector* do movimento metodista. No Brasil atuam, principalmente, a Igreja Metodista, uma igreja autônoma ou nacional, resultante da missão do metodismo episcopal, a Igreja do Nazareno (uma igreja do movimento da santificação) e a Igreja Metodista Livre, todas do metodismo estadunidense. Dessas se separaram já no Brasil alguns e formaram igrejas metodistas pentecostais. A principal delas é a Igreja Metodista Wesleyana (desde 1967).

Adão” (WESLEY, *apud* DANIEL, 2020, p. 384). “Por essa razão, Wesley cria na Salvação dos que morrem ainda infantes” (DANIEL, 2020, p. 384).

Ainda comparando as duas perspectivas do arminianismo Silas Daniel afirma:

Se para os arminianismo clássico a graça preveniente está disponível universalmente, mas é efetivada na vida das pessoas somente através da pregação do Evangelho ou do toque do Espírito Santo no coração por meio da revelação geral, para os arminianos-wesleyanos a graça precedente é universal e já foi efetivada sobre todos os pecadores, de maneira que todos os indivíduos hoje já têm o seu livre-arbítrio restaurado e já têm também suspendida a culpa que lhes foi imputada pelo pecado de Adão, de maneira que cada ser humano hoje é culpado apenas pelos seus próprios pecados e não também pelo pecado de Adão que lhes fora antes imputado. E para a justificação de seus pecados, é necessário que a pessoa, sinceramente arrependida e crendo no sacrifício de Cristo, receba Jesus em sua vida como Salvador e Senhor (DANIEL, 2020, p. 385).

É importante ressaltar que as duas correntes no arminianismo concordam que o livre-arbítrio para as coisas de Deus entra em ação mediante a exposição das revelações natural e especial de Deus, e que a graça preveniente, no que concerne à liberdade humana, é efetivada pelo modo ordinário da pregação da Palavra ou da exposição dos atos extraordinários a revelação geral.

Assim, para os arminianos de modo geral, Deus está a todo momento revelando sua graça aos seres humanos, seja ela especial ou geral com o propósito de possibilitar a pessoa a salvação.

3.4 A segurança da salvação em Cristo

Entre os arminianos clássicos há uma divergência teológica quando se trata do tema segurança da salvação em Cristo, ou, em outras palavras, se um salvo pode vir a perder sua salvação ou não.

Essa contraposição tem gerado dois erros extremos, como reconhece Silas Daniel (2020, p. 457), o primeiro consiste em pensar que não importa o que o se faça de errado, uma vez tendo crido em Cristo, não há a possibilidade de se perder eternamente; O segundo equívoco é pensar que qualquer mínimo erro que o ser humano salvo cometa fará com que perca a salvação.

Duas perguntas devem ser respondidas à luz da Bíblia para eliminar a possibilidade de se cair em algum desses dois equívocos como afirma o teólogo Silas Daniel (2020, p. 457), a primeira pergunta é: – De quem depende a salvação?

Se a salvação dependesse do ser humano, então facilmente o indivíduo poderia perdê-la. Mas, não é o caso, como afirma Silas Daniel:

Ela depende de Deus, e Ele concede todos os meios pela sua graça para garantir a segurança de nossa salvação, de maneira que é muito difícil alguém se perder eternamente. Esfriar na fé e desviar-se não são possíveis como são até comuns entre alguns crentes, mas perder-se eternamente, se a pessoa realmente nasceu de novo, não é tão fácil assim (DANIEL, 2020, p. 457).

A segurança da Salvação em Cristo é um tema que, tradicionalmente, tem dividido os arminianismo em pelo menos três grupos; o primeiro grupo acredita que a salvação não pode ser perdida, conhecido como (arminianismo de quatro pontos), sendo essa posição adotada hoje pela maioria dos batistas arminianos, dentre eles Roger Olson e Norman Geisler.

O segundo grupo acredita que a salvação pode ser perdida em alguns casos excepcionais, mas, quando isso acontece, também não pode ser renovada, posição defendida por alguns teólogos arminianos como Robert E. Picirilli e F. Leroy Forlines.

O terceiro grupo pensa que a salvação pode ser perdida, mas, em muitos casos, pode também ser restaurada, como os metodistas, assembleianos e a maioria dos arminianos creem, sendo essa a posição de nomes como John Wesley, Antônio Gilberto, Silas Daniel, Robert Shank, e do autor desta pesquisa.

O livro da declaração de Fé das Assembleias de Deus (2017) assevera:

Rejeitamos a afirmação segundo a qual “uma vez salvo, salvo para sempre”, pois entendemos à luz das Sagradas Escrituras que, depois de experimentar o milagre do novo nascimento, o crente tem a responsabilidade de zelar pela manutenção da salvação a ele oferecida gratuitamente: “Vede, irmãos, que nunca haja em qualquer um de vós um coração mau e infiel, para se apartar do Deus vivo” (Hb 3.12). Não há dúvidas quanto à possibilidade do salvo perder a salvação, seja temporariamente ou eternamente. Mediante o mau uso do livre arbítrio, o crente pode apostatar da fé, perdendo, então, a sua salvação [...] temos a advertência de Paulo aos coríntios: “Aquele, pois que cuida estar em pé, olhe não caia” (1Co 10,12). Aqui temos mencionada a real possibilidade de uma queda da graça. Assim, cremos que, embora a salvação seja oferecida gratuitamente a todos os homens e mulheres,

uma vez adquirida, deve ser zelada e confirmada (Declaração de fé das Assembleias de Deus, 2017, p. 114).

É necessário afirmar, que o próprio Armínio foi indeciso nesse ponto, inicialmente afirmando não ter posição definida a respeito. Mas, depois, como Silas Daniel relata:

Armínio demonstrou crer na possibilidade de eventualmente um cristão perder a salvação no caso extremo de apostasia. Essa posição pode ser percebida no comentário feito por Armínio em sua análise da obra do calvinista britânico William Perkins (CARL BANGS, *apud* Daniel, 2020, p. 458).

Essa posição de Armínio conduz a uma segunda pergunta: – Mesmo Jesus Cristo sendo a garantia da salvação, é possível o próprio pecador resistir à ação da graça em sua vida e, deliberadamente, perder-se? O pentecostalismo histórico, sobre a égide de sua hermenêutica bíblica, vai dizer que sim, citando alguns textos bíblicos (Lc 8.13; Ap 22.19). E o nome disso é apostasia.

3.4.1. É possível um apóstata voltar à fé e ser salvo?

A Bíblia sugere que há dois níveis de apostasia: um em que é possível arrependimento e retorno, e outro em que isso não é mais possível. Silas Daniel (2020) denota esses dois tipos de apostasia como: apostasia comum e apostasia do coração endurecido.

Apostasia comum é quando simplesmente ocorre o abandono da fé. Nesse caso, é possível voltar. A apostasia do coração endurecido é aquela em que a pessoa não apenas abandonou a fé como também endureceu o seu coração deliberadamente e definitivamente para as coisas de Deus. É uma apostasia irremediável (DANIEL, 2020, p. 458).

“Segundo a Palavra de Deus, o ser salvo perde a salvação mediante a apostasia do coração; quando se comete a blasfêmia contra o Espírito Santo; e quando se perde a fé em Jesus e sua graça, ou seja, quando não há mais fé” (DANIEL, 2020, p. 458-459).

A segurança da Salvação em Cristo é real. A salvação em Cristo não é algo que o salvo pode perder facilmente, e a Bíblia afirma isso com vários textos: (Rm 5.8-10; 8.35-39; Fp 1.6; Jo 6.38-40; 10.27-30; 1Jo 5.18). Por todas essas passagens bíblicas, fica claro que a salvação é garantida por Deus, de maneira que para perdê-la é necessário se afastar permanentemente de Jesus ou deixar definitivamente de crer Nele.

Contudo, como afirma Silas Daniel (2020):

Essas duas coisas não podem ser confundidas com eventuais passageiros momentos de fraqueza ou esfriamento espiritual, que são comuns entre os crentes. A não ser nessas duas situações que já foram supracitadas, a perda da salvação é impossível (DANIEL, 2020, p. 464).

Ainda que nem todos os pentecostais arminianos creiam na segurança da salvação, acreditando que o salvo está a todo tempo colocando em risco a sua condição de salvação, o autor desta pesquisa, inserido no contexto pentecostal clássico, é convicto de que aquele que está em Cristo tem a vida eterna, e nunca há de perecer, pois o salvo tem o Espírito Santo como selo e o penhor da sua Salvação. Ou seja, a possibilidade de perder a salvação seria apenas em casos específicos de apostasia de coração, incredulidade permanente, que pode ser consequência da blasfêmia contra o Espírito Santo de Deus, levando a pessoa, conscientemente e deliberadamente não apenas rejeitar como também insultar o Espírito Santo.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa, buscou compreender o tema da graça preveniente inserido na doutrina da salvação dentro da perspectiva pentecostal arminiana, mais especificamente na Assembleia de Deus ministério Belo Horizonte, contexto eclesiástico no qual o autor deste trabalho está introduzido.

O primeiro capítulo conceituou a graça salvadora e sua multiforme manifestação, definindo e exemplificando seus propósitos divinos para com o ser humano, nas esferas sociais, religiosas, culturais e salvíficas.

O segundo capítulo versou sobre a graça preveniente. Como é pensada e vivida nas igrejas pentecostais, mais precisamente nas Assembleias de Deus. Também foi apresentada a origem detalhada e histórica da doutrina graça preveniente, tendo como panorama alguns Pais da igreja e eruditos teólogos de âmbitos eclesiásticos distintos. Nesse ínterim, o capítulo dois asseverou a necessidade humana de se receber a graça precedente. Como essa graça age em benefício do pecador, sendo o início, a continuidade e a consumação da salvação humana.

O terceiro capítulo abordou os subtópicos da graça preveniente. Doutrinas fundamentais para a teologia arminiana pentecostal clássica, como a graça ilimitada, porém condicionada, ou seja, disponível para todos os indivíduos que creem. Em relação à graça resistível, afirmou ser possível, que o indivíduo, pelo livre arbítrio pode rejeitar a salvação, pois, uma vez que o pecador recebe a graça preveniente, restaurando suas afeições, desejos e seu arbítrio, ele tem a capacidade de responder ao chamado do Evangelho. Nessa mesma oportunidade, foram elucidadas as atuações da graça, suas revelações ordinariamente humanas por meio da pregação e do discipulado, e extraordinariamente divina, através da revelação geral e a segurança da salvação em Cristo, afirmando que, somente em casos como apostasia de coração e incredulidade, o salvo tem a possibilidade de perder a salvação.

Em todos os capítulos desta pesquisa a hipótese apresentada foi verificada e comprovou-se que a graça preveniente é um ato gracioso e exclusivo da parte de Deus, disponível a todos os seres humanos. Para tanto, constatou-se a relação entre a soberania divina e o livre arbítrio humano.

A graça precedente, manifesta-se como restauração da capacidade, que naturalmente o ser humano não teria de, por si só, arrepender-se e ter fé para ser salvo. Por isso, o pecador carece da graça de Deus, para encontrar-se na condição de posicionar ao apelo do Evangelho. O que, contudo, não torna o pecador co-salvador de si mesmo.

Apresentaram-se, de forma sistemática e congruente, através da hermenêutica bíblica pentecostal, diversas reflexões e conhecimentos bíblicos, eclesiais e teológicos, tácitos e concretos, com base na Bíblia Sagrada e em compilados, na declaração de fé das Assembleias de Deus e explicitadas por alguns renomados escritores teólogos e pastores.

Dessa maneira, o trabalho deixa algumas conclusões sobre a graça preveniente em relação a doutrina da salvação, vivida, pensada e professada nos arminianos pentecostais clássicos. Uma primeira refere-se à graça preveniente como um ato gracioso e bondoso da parte de Deus para com o ser humano caído. Portanto, a graça é universal; “porque todos caíram e carecem da glória Deus” (Rm 6.23), condicionada; “para todo o que nele crer não pereça mas tem a vida eterna” (Jo 3.16b), eficaz e suficiente; “porque pela graça sois salvos por meio da fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus” (Ef 2.8).

Uma segunda conclusão reflete sobre a total dependência que o pecador tem da graça de Deus. Sem o auxílio da graça, o arbítrio humano permanece cativo no pecado, e, por vontade ou mérito próprio, jamais conseguirá fazer, querer ou pensar algo de bem ou bom “porque sei que na minha pessoa, isto é, na minha carne, não reside bem algum [...]” (Rm 7.18-21) e, conseqüentemente, está sentenciado a ceder às tentações, às cobiças da carne, dos olhos e da soberba da vida. Assim, só por intermédio da graça preveniente, o ser humano tem suas afeições, práxis e volições direcionados para Deus.

Como efeito, tendo sido o livre-arbítrio humano liberto e renovado, será capaz de realizar, desejar e inclinar-se para Deus, “mas ele me disse; minha graça te basta, pois, o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza [...]” (2Co 12.9); “e para isto também trabalho, combatendo segundo a sua eficácia, que opera em mim poderosamente” (Cl 1.9); “pois é Deus que opera em vós tanto o querer como o efetuar” (Fp 2.13).

Uma terceira conclusão versa sobre a revelação da multiforme graça de Deus de forma ordinária e extraordinária, especial e geral. Tendo como propósito

a proclamação da glória de Cristo Jesus e das boas novas de Salvação. Portanto, todos os humanos se tornam indesculpáveis diante de Deus (Rm 1.20), pois seus atributos, sua graça e seu poder estão claramente percebidos desde a criação do universo, atuando como revelação da graça comum e salvadora de Deus.

O Evangelho deve ser vivido, pregado e anunciado a toda criatura. Como ministro da reconciliação, o cristão, mediante a pregação e do discipulado, deve proclamar e ensinar sobre o Reino de Deus e a sua justiça e evidenciar o Fruto do Espírito que são os testemunhos da regeneração, por meio da graça, mediante a fé, tendo a certeza de que tudo é por Ele, por meio dEle e para Ele.

Dadas as conclusões, é necessário continuar esta pesquisa. Tanto para contribuição no âmbito da teologia, quanto para a contribuição prática, ministerial, social e acadêmica. Assim, este trabalho está aberto para novas pesquisas, em oportunidades futuras.

REFERÊNCIAS

- ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*: 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, vl 1.
- BURTNER, R.W. e CHILES, R.E. *Coletânea da Teologia de João Wesley*. 2. ed. Rio de Janeiro: Filipe P. de Mesquita, 1995. p. 117-118.
- DANIEL, Silas. *Arminianismo A Mecânica da salvação*: Uma exposição histórica, doutrinária e exegética sobre a graça de Deus e a responsabilidade humana. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.
- GILBERTO, Antonio *et al.* *Teologia sistemática pentecostal*. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- GONZÁLVES, Justos L. *Uma história do pensamento cristão*: da reforma protestante ao século 20. São Paulo: Cultura cristã, 2004.
- GRUDEM, Wayne, *Teologia Sistemática: Ao Alcance de Todos*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.
- KELLY, J.N.D. *Patrística*: origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã. São Paulo: Vida nova, 2009. p. 265-269.
- MCGRATH, Alister E. *Teologia sistemática, histórica e filosófica*: Uma introdução à teologia cristã. 3. ed. São Paulo: Shedd, 2010.
- OLIVEIRA, Jamierson. *Arminianismo puro e simples*: Uma introdução histórica-teológica. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.
- OLSON, Roger. *Teologia arminiana*: Mitos e Realidade. São Paulo: Reflexão, 2013.
- PEARLMAN, Myer. *Conhecendo As Doutrinas Da Bíblia*. 3. ed. São Paulo: Vida, 2009.
- SILVA, E. S. D. (organizador). *Declaração De Fé Das Assembleias De Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

SINCLAIR, B; WRIGHT, F. D. F. *Novo Dicionário de Teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009.

SWINDOLL, Charles R. *O despertar da graça*. São Paulo: Bompastor, 2000.